REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

RACISMO ESTRUTURAL NOS ESCRITOS DE ALLAN KARDEC: ANÁLISE HISTÓRICO-DISCURSIVA DO TEXTO 'PERFECTIBILIDADE DA RAÇA NEGRA' (1862)

STRUCTURAL RACISM IN ALLAN KARDEC'S WRITINGS: HISTORICAL-DISCURSIVE ANALYSIS OF THE TEXT 'PERFECTIBILITY OF THE BLACK RACE' (1862)

RACISMO ESTRUCTURAL EN LOS ESCRITOS DE ALLAN KARDEC: ANÁLISIS HISTÓRICO-DISCURSIVO DEL TEXTO 'PERFECTIBILIDAD DE LA RAZA NEGRA' (1862)

Fernando Ben Oliveira da Silva
Doutorando em Psicologia Social (UERJ), UERJ, Brasil.
E-mail: psicologofernandoben@gmail.com
F-
Thiago Cedrez da Silva
Doutorado em História (UFPel), UFPE, Brasil.
E-mail: thiago.cedrez@ufpe.br

Elvis Silveira Simões
Doutorado em História (UFPel), SMED Pelotas-RS, Brasil.
E-mail: elvis.simoes@gmail.com

Lana Claudia de Souza Fonseca
Doutorado em Educação(UFF), UFRRJ, Brasil.
E-mail: lanaclaudiafonseca@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa a presença de racismo estrutural nos escritos de Allan Kardec, codificador do Espiritismo, com foco específico no texto "Perfectibilidade da raça negra", publicado na Revista Espírita em abril de 1862. Através de análise histórico-discursiva fundamentada na Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough, Teun van Dijk e Eni Puccinelli Orlandi, articulada com conceito de racismo estrutural de Silvio Almeida, investigamos como Kardec reproduziu e legitimou teorias pseudocientíficas características do século XIX, hierarquizando raças e naturalizando a suposta inferioridade da população negra. A pesquisa contextualiza o pensamento kardequiano no panorama do racismo científico oitocentista, identificando convergências entre discurso espírita e ideologias raciais hegemônicas (darwinismo social, poligenismo, frenologia, antropologia física). A análise linguística evidencia três campos semânticos sistemáticos: inferioridade, infantilização e animalização. A modalização de certeza absoluta naturaliza hierarquias como fatos inquestionáveis, enquanto determinismo biológico equipara corpos africanos a "instrumentos imperfeitos". Kardec articula esse determinismo com doutrina espírita da reencarnação, propondo evolucionismo racial onde espíritos menos evoluídos encarnariam em raças inferiores. Silenciamentos estratégicos ocultam violências coloniais e civilizações africanas complexas. Concluímos que os escritos de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

Kardec não constituem anomalia individual, mas manifestam racismo estrutural de sociedade francesa do século XIX, perpetuando hierarquizações que demandam reconhecimento crítico e superação no movimento espírita contemporâneo para desenvolvimento de práticas verdadeiramente antirracistas.

Palavras-chave: Allan Kardec; Espiritismo; Racismo Estrutural; Análise Crítica do Discurso; Racismo Científico.

Abstract

This article analyzes the presence of structural racism in the writings of Allan Kardec, codifier of Spiritism, with specific focus on the text "Perfectibility of the Black Race," published in the Spiritist Review in April 1862. Through historical-discursive analysis grounded in Critical Discourse Analysis by Norman Fairclough, Teun van Dijk, and Eni Puccinelli Orlandi, articulated with Silvio Almeida's concept of structural racism, we investigate how Kardec reproduced and legitimized pseudoscientific theories characteristic of the nineteenth century, hierarchizing races and naturalizing the supposed inferiority of the Black population. The research contextualizes Kardecian thought within the panorama of nineteenth-century scientific racism, identifying convergences between Spiritist discourse and hegemonic racial ideologies (social Darwinism, polygenism, phrenology, physical anthropology). Linguistic analysis reveals three systematic semantic fields: inferiority, infantilization, and animalization. Absolute certainty modalization naturalizes hierarchies as unquestionable facts, while biological determinism equates African bodies to "imperfect instruments." Kardec articulates this determinism with Spiritist reincarnation doctrine, proposing racial evolutionism where less evolved spirits would incarnate in inferior races. Strategic silences conceal colonial violence and complex African civilizations. We conclude that Kardec's writings do not constitute individual anomaly but manifest structural racism of nineteenth-century French society, perpetuating hierarchizations that demand critical recognition and overcoming in the contemporary Spiritist movement for development of truly antiracist practices.

Keywords: Allan Kardec; Spiritism; Structural Racism; Critical Discourse Analysis; Scientific Racism.

Resumen

Este artículo analiza la presencia de racismo estructural en los escritos de Allan Kardec, codificador del Espiritismo, con foco específico en el texto "Perfectibilidad de la raza negra", publicado en la Revista Espírita en abril de 1862. A través de análisis histórico-discursivo fundamentado en el Análisis Crítico del Discurso de Norman Fairclough, Teun van Dijk y Eni Puccinelli Orlandi, articulado con el concepto de racismo estructural de Silvio Almeida, investigamos cómo Kardec reprodujo y legitimó teorías pseudocientíficas características del siglo XIX, jerarquizando razas y naturalizando la supuesta inferioridad de la población negra. La investigación contextualiza el pensamiento kardeciano en el panorama del racismo científico decimonónico, identificando convergencias entre discurso espiritista e ideologías raciales hegemónicas (darwinismo social, poligenismo, frenología, antropología física). El análisis lingüístico evidencia tres campos semánticos sistemáticos: inferioridad, infantilización y animalización. La modalización de certeza absoluta naturaliza jerarquías como hechos incuestionables, mientras el determinismo biológico equipara cuerpos africanos a "instrumentos imperfectos". Kardec articula ese determinismo con la doctrina espiritista de la reencarnación, proponiendo evolucionismo racial donde espíritus menos evolucionados encarnarían en razas inferiores. Silencios estratégicos ocultan violencias coloniales y civilizaciones africanas complejas. Concluimos que los escritos de Kardec no constituyen anomalía individual, sino que manifiestan racismo estructural de la sociedad francesa del siglo XIX, perpetuando jerarquizaciones que

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

demandan reconocimiento crítico y superación en el movimiento espiritista contemporáneo para desarrollo de prácticas verdaderamente antirracistas.

Palabras clave: Allan Kardec; Espiritismo; Racismo Estructural; Análisis Crítico del Discurso; Racismo Científico.

1. Introdução

Este artigo propõe uma análise histórico-discursiva do racismo estrutural presente nos escritos de Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869)[1], codificador do Espiritismo. Especificamente, examinamos o texto "Perfectibilidade da Raça Negra", publicado na *Revue Spirite* em abril de 1862, documento que condensa de forma paradigmática as concepções raciais do autor sobre a população negra, sua suposta inferioridade biológica e espiritual, e as possibilidades de "aperfeiçoamento" evolutivo.

A escolha deste corpus justifica-se por sua representatividade temática e densidade discursiva: trata-se do texto mais explícito e sistemático de Kardec dedicado exclusivamente à questão racial, no qual o codificador expõe, sem ambiguidades, hierarquizações raciais fundamentadas em teorias pseudocientíficas hegemônicas no século XIX. O artigo foi publicado na Revista Espírita, periódico editado pelo próprio Kardec em Paris entre 1858 e 1869, constituindo veículo oficial de divulgação doutrinária e plataforma privilegiada para seus posicionamentos sobre questões científicas, filosóficas e sociais.

Utilizamos a tradução brasileira disponibilizada pela Federação Espírita Brasileira (FEB), versão oficialmente adotada pela principal instituição espírita brasileira e efetivamente circulante entre a comunidade espírita lusófona. Consideramos esta versão adequada porque as estruturas discursivas e campos semânticos racistas permanecem preservados na tradução, permitindo análise crítica rigorosa dos pressupostos ideológicos do autor. A questão central orienta-se

[1] Allan Kardec foi o pseudônimo adotado por Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), pedagogo francês que, a partir da década de 1850, dedicou-se à sistematização da doutrina espírita, publicando obras fundamentais como O Livro dos Espíritos (1857) e editando a Revista Espírita (1858-1869).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

nos seguintes termos: em que medida os escritos de Allan Kardec sobre a "raça negra" refletem e reproduzem o racismo estrutural característico do pensamento científico do século XIX? Como as teorias pseudocientíficas sobre raças (darwinismo social, poligenismo, frenologia, antropologia física) influenciaram a formulação kardequiana sobre "perfectibilidade" racial?

Nossa análise restringe-se ao discurso presente neste texto de Kardec, não constituindo avaliação da Doutrina Espírita como sistema filosófico-religioso, nem julgamento das pessoas que contemporaneamente professam essa fé. Distinguimos rigorosamente entre análise histórico-crítica dos escritos de Kardec (objeto desta pesquisa), avaliação teológica ou doutrinária do Espiritismo (que extrapola limites deste trabalho) e práticas do movimento espírita brasileiro (que frequentemente ressignificou textos fundacionais). Essa delimitação metodológica é fundamental para evitar anacronismos: não se trata de "julgar" Kardec com valores contemporâneos, mas de contextualizar historicamente seu pensamento, identificar matrizes intelectuais e problematizar continuidades de estruturas racistas que, embora forjadas no século XIX, ainda reverberam em discursos e práticas sociais atuais.

O século XIX europeu foi marcado pela consolidação do racismo científico: conjunto de teorias pseudocientíficas que hierarquizavam grupos humanos em "raças" biologicamente distintas e desiguais, legitimando colonialismo, escravidão e políticas eugenistas. Teorias como darwinismo social (Herbert Spencer), poligenismo (Louis Agassiz, Samuel Morton), frenologia (Franz Joseph Gall, Johann Spurzheim), antropologia física (Paul Broca) e teses sobre desigualdade racial (Arthur de Gobineau) circulavam amplamente nos meios intelectuais europeus, conferindo verniz científico a preconceitos seculares. Allan Kardec, pedagogo e intelectual francês inserido nesse contexto, incorporou em seus escritos vocabulário, pressupostos e hierarquizações característicos do racismo científico oitocentista, naturalizando suposta inferioridade da população negra e propondo evolucionismo racial de matriz espírita: espíritos "primitivos" encarnariam em corpos de "raças inferiores", progredindo gradualmente através de reencarnações sucessivas até

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

alcançarem "raças superiores" caucasianas. Significativamente, o artigo insere-se na seção "Frenologia Espiritualista e Espírita" da Revista Espírita, explicitando articulação entre doutrina espírita e frenologia, pseudociência que pretendia estabelecer correlações entre formato do crânio, capacidades mentais e grau evolutivo.

Contudo, é fundamental reconhecer que racismo científico não era consensual no século XIX. Movimentos abolicionistas organizados atuavam vigorosamente na Europa e nas Américas desde o final do século XVIII. Na França, a Société des Amis des Noirs (Sociedade dos Amigos dos Negros), fundada em 1788, reunia intelectuais como Condorcet, Lavoisier, Brissot e o Abade Grégoire. Esses pensadores denunciavam a escravidão como crime contra a humanidade e refutavam teorias de inferioridade racial.

Na Inglaterra, campanhas abolicionistas resultaram na abolição do tráfico de escravos (1807) e da escravidão (1833). Nos Estados Unidos, movimentos abolicionistas culminaram na Guerra Civil (1861-1865) e abolição da escravidão (1865). Kardec escrevia, portanto, em contexto de intenso debate sobre raça, escravidão e direitos humanos, no qual perspectivas antirracistas disputavam hegemonia intelectual. Sua opção por reproduzir teorias racistas não pode ser atribuída simplesmente à "mentalidade da época", mas constitui escolha intelectual situada em campo de disputas onde alternativas éticas estavam disponíveis.

Além de resistências políticas, havia fundamentos filosóficos rigorosos que contestavam hierarquizações raciais. Immanuel Kant (1724-1804), por exemplo, figura central do Iluminismo, desenvolveu modelo ético independente de justificações religiosas ou supersticiosas, fundamentado exclusivamente na razão humana através do Imperativo Categórico: lei moral interior baseada em princípios universalizáveis (MENEZES, 2011). Uma ética científica rigorosa, fundamentada nesse modelo kantiano, deveria suprimir perspectivas racistas, pois hierarquizações entre raças não cumprem demanda racional universal, mas ideológica particular a serviço de interesses de dominação. Se hierarquização racial não pode ser

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

racionalmente universalizada (pois privilegia arbitrariamente determinado grupo), então é eticamente injustificável.

Como lente interpretativa conceitual, adotamos o conceito de racismo estrutural, formulado por Silvio Almeida (2019), para designar sistema de opressão que transcende atos individuais de preconceito, permeando instituições, discursos científicos, práticas sociais e estruturas de poder. Racismo estrutural não é anomalia ou patologia social, mas consequência do funcionamento regular de sociedades organizadas sobre hierarquizações raciais naturalizadas. No século XIX, racismo científico operava precisamente essa naturalização, conferindo legitimidade acadêmica a ideologias de dominação. Analisar escritos de Kardec sob essa perspectiva permite compreender como discursos religiosos e filosóficos, mesmo os que se apresentam como progressistas, podem reproduzir estruturas racistas.

A produção acadêmica sobre Allan Kardec e Espiritismo no Brasil é extensa, com trabalhos de Sylvia Damazio (1994), Sandra Stoll (2003), Marion Aubrée e François Laplantine (1990), Emerson Giumbelli (1997), analisando gênese do Espiritismo na França, transnacionalização para o Brasil, disputas com catolicismo e medicina, e institucionalização. Contudo, a questão racial nos escritos de Kardec permanece relativamente pouco explorada na historiografia acadêmica brasileira, embora alguns trabalhos recentes tenham abordado essa temática de forma mais sistemática.

Adolfo de Mendonça Junior, em "Allan Kardec, a ciência e o racismo" publicado no Jornal de Estudos Espíritas (2015), analisa construção dos conceitos de raça, racialismo e racismo nas obras de Kardec. Heloísa Volpi e colaboradores, em "A Evolução do Espírito: O 'Evolucionismo' de Allan Kardec", publicado na plataforma SciELO Preprints (2024), argumentam que Kardec foi repetidamente racista ao buscar aceitação pela comunidade científica, alocando evolucionismo racial em seu discurso. A revista HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião dedicou dossiê temático "Allan Kardec: vida, ideias, obras e influências" (v. 22, n. 67, 2024), reunindo artigos sobre o codificador. No contexto

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

internacional, o Allan Kardec Spiritist Educational Center publicou "Allan Kardec's Views on Race Revisited" ([s.d.]), revisitando visões de Kardec sobre raça em múltiplos momentos de sua produção intelectual.

Apesar dessas contribuições valiosas, identificamos lacuna significativa: ausência de análises histórico-discursivas detalhadas que apliquem sistematicamente ferramentas da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, Van Dijk, Orlandi) especificamente ao texto "Perfectibilidade da Raça Negra" (1862), articulando análise linguística rigorosa com conceito de racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) e contextualização histórica do racismo científico oitocentista. Este artigo busca preencher essa lacuna, oferecendo exame minucioso de como o texto constrói discursivamente hierarquizações raciais através de escolhas lexicais, modalização, pressupostos implícitos e silenciamentos estratégicos, demonstrando que Kardec não foi exceção às ideologias racistas de seu tempo, mas participante ativo de sua produção e legitimação institucional.

Este artigo organiza-se em quatro seções principais, além desta introdução e das considerações finais. Na metodologia, explicamos abordagem histórico-discursiva, corpus documental, procedimentos analíticos e referenciais teóricos mobilizados. No tópico sobre racismo científico no século XIX, contextualizamos historicamente teorias pseudocientíficas sobre raças (darwinismo social, poligenismo, frenologia, antropologia física, eugenia), sua circulação transnacional e impactos políticos e sociais. Na análise do texto "Perfectibilidade da Raça Negra" (1862), realizamos exame discursivo detalhado do artigo de Kardec, identificando campos semânticos depreciativos, determinismo biológico, evolucionismo racial e convergências com racismo científico da época. Nas considerações finais, sintetizamos principais achados, explicitamos contribuições originais, reconhecemos limitações e indicamos desdobramentos futuros.

2. Revisão da Literatura

O século XIX representou momento histórico singular na consolidação de ideologias racistas através de discursos que se apresentavam como científicos,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

racionais e objetivos. Esse processo constituiu conjunto articulado de teorias, métodos e práticas que buscavam conferir legitimidade acadêmica à hierarquização de grupos humanos em raças biologicamente distintas e desiguais, como demonstra Lilia Moritz Schwarcz em 'O Espetáculo das Raças' (1993). Diferentemente de preconceitos religiosos anteriores, o racismo científico mobilizava o prestígio das ciências naturais emergentes, especialmente biologia, antropologia física e medicina, para naturalizar e justificar relações de dominação colonial, escravidão, segregação e políticas eugenistas, conforme analisa Nancy Leys Stepan em "The Hour of Eugenics" (1991). Esse processo de cientifização do racismo caracterizou-se pela circulação transnacional de teorias, institucionalização acadêmica de práticas discriminatórias e articulação entre conhecimento científico e projetos políticos de dominação.

O contexto histórico que possibilitou a emergência dessas teorias foi marcado pela expansão colonial europeia na África e Ásia, escravidão nas Américas e debates sobre abolição, construção de Estados nacionais que demandavam definições de cidadania, e consolidação de campo científico institucionalizado que reivindicava autoridade sobre definição da natureza humana, como argumenta Stephen Jay Gould em "A Falsa Medida do Homem" (1999). O século XIX testemunhou fundação de sociedades antropológicas, criação de museus dedicados à história natural das raças, proliferação de revistas científicas especializadas e incorporação de teorias raciais em currículos universitários, constituindo ampla infraestrutura institucional que produzia e reproduzia conhecimento racista como verdade científica estabelecida.

Entre as principais correntes teóricas que conformaram o racismo científico oitocentista, destacam-se o poligenismo, a frenologia, a antropologia física, o darwinismo social e a eugenia, teorias que, embora distintas em origens e ênfases, convergiam na naturalização de hierarquias raciais e justificação da supremacia branca europeia. O poligenismo, desenvolvido por naturalistas como Louis Agassiz, Samuel George Morton e Josiah Nott, postulava origens evolutivas múltiplas para diferentes raças humanas, argumentando que grupos constituíam espécies

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

biológicas distintas com capacidades intelectuais e morais desiguais. Morton publicou em 1839 "Crania Americana", apresentando medições de centenas de crânios concluindo que caucasianos possuíam maior capacidade craniana, seguidos por mongóis, malaios, indígenas americanos e africanos. Como demonstrou Stephen Jay Gould (1999), essas medições eram sistematicamente enviesadas, com manipulações para confirmar pressupostos racistas preexistentes, evidenciando que racismo científico não era ciência que descobria fatos, mas ideologia que construía e legitimava hierarquias.

A frenologia, sistema pseudocientífico desenvolvido por Franz Joseph Gall e Johann Spurzheim no início do século XIX, propunha que características mentais, morais e intelectuais estavam localizadas em regiões cerebrais cujo desenvolvimento poderia ser inferido pela análise de protuberâncias e depressões cranianas. Rapidamente apropriada por projetos racistas, frenólogos argumentavam que raças inferiores apresentavam maior desenvolvimento de regiões cerebrais associadas a instintos animais e menor desenvolvimento de áreas relacionadas à racionalidade e moralidade. No Brasil, a frenologia ganhou ampla difusão entre elites médicas e intelectuais na segunda metade do século XIX, sendo mobilizada em debates sobre abolição, imigração e políticas educacionais, como analisa Lilia Moritz Schwarcz (1993).

A antropologia física, institucionalizada academicamente na segunda metade do século XIX, sistematizou práticas de medição, classificação e hierarquização de grupos humanos com base em características corporais. Paul Broca, fundador da Sociedade Antropológica de Paris em 1859, desenvolveu sofisticados instrumentos de medição craniana e estabeleceu protocolos para coleta de dados antropométricos, buscando conferir rigor científico à hierarquização racial. A antropologia física produziu extensas tipologias raciais, classificando a humanidade em múltiplas raças e sub-raças com base em índices cefálicos, ângulos faciais, pigmentação, textura do cabelo e outras características morfológicas, invariavelmente posicionando europeus nórdicos no ápice evolutivo. Essas classificações eram instrumentos políticos

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

mobilizados para justificar colonialismo, restringir direitos civis e orientar políticas imigratórias, como demonstra Stephen Jay Gould (1999).

O darwinismo social, associado principalmente a Herbert Spencer e seus seguidores, aplicava de forma distorcida conceitos da teoria evolutiva às sociedades humanas, argumentando que competição social, desigualdade econômica e dominação colonial constituíam manifestações da seleção natural e sobrevivência dos mais aptos, conforme analisa Thomas E. Skidmore em "Preto no Branco" (2012). Spencer cunhou "sobrevivência dos mais aptos" antes da publicação de "A Origem das Espécies" de Darwin em 1859, desenvolvendo filosofia social que via desigualdades como naturais, necessárias e benéficas ao progresso. O darwinismo social legitimava imperialismo europeu como missão civilizatória natural, a pobreza como resultado de inferioridade biológica, e se opunha a políticas redistributivas como interferências na seleção natural. No Brasil, teorias darwinistas sociais influenciaram profundamente debates sobre abolição, imigração e futuro racial da nação, com intelectuais argumentando que miscigenação poderia levar ao branqueamento gradual da população.

Arthur de Gobineau, diplomata francês, publicou entre 1853 e 1855 o "Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas", sistematizando ideologia da supremacia racial ariana. Gobineau argumentava que raças eram biologicamente desiguais, que raça branca ariana era superior em civilização, inteligência e moralidade, e que miscigenação levava inevitavelmente à degeneração e declínio civilizacional. Sua teoria exerceu influência profunda sobre nacionalismos raciais europeus e foi posteriormente apropriada pelo nazismo alemão, demonstrando continuidades entre racismo científico oitocentista e genocídios do século XX. A eugenia, termo cunhado por Francis Galton em 1883, propunha aplicação de princípios de seleção artificial à reprodução humana para aperfeiçoar geneticamente populações. Galton argumentava que características intelectuais e morais eram hereditárias e que políticas estatais deveriam incentivar reprodução de indivíduos superiores e impedir reprodução de inferiores. O movimento eugênico ganhou dimensão internacional no início do século XX, com estabelecimento de sociedades

REMUNOM
ISSN 2178-6925
Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

eugênicas e implementação de políticas como esterilização compulsória, restrições imigratórias raciais e proibições de casamentos inter-raciais. Como demonstra Nancy Leys Stepan (1991), eugenia foi particularmente influente na América Latina, mobilizada em projetos de branqueamento populacional e higiene racial.

A circulação transnacional dessas teorias foi facilitada por redes científicas internacionais, congressos acadêmicos, traduções de obras, viagens de naturalistas e consolidação de campo científico globalizado que compartilhava métodos, pressupostos e objetivos políticos, como argumenta Lilia Moritz Schwarcz (1993). Teorias desenvolvidas nos Estados Unidos eram debatidas em sociedades antropológicas europeias, a frenologia de Gall circulava da Áustria para França, Inglaterra, Estados Unidos e Brasil, as teses de Gobineau eram apropriadas por intelectuais em diversos continentes. Essa circulação constituía processo ativo de adaptação e ressignificação local de teorias globais, com cada contexto nacional mobilizando racismo científico para responder a questões políticas específicas sobre escravidão, imigração, cidadania e identidade nacional.

Desta forma, é fundamental reconhecer que racismo científico não foi hegemônico absoluto. Movimentos abolicionistas, intelectuais antirracistas, cientistas dissidentes e, fundamentalmente, resistências de povos colonizados e escravizados contestaram vigorosamente essas teorias. Na França, intelectuais como o Abade Grégoire refutavam teorias de inferioridade racial já no século XVIII. Nos Estados Unidos, Frederick Douglass, intelectual negro e ex-escravizado, produziu contundentes críticas ao racismo científico.

Sendo assim, compreender esse panorama do racismo científico oitocentista é indispensável para analisar criticamente escritos de Allan Kardec sobre raça. O codificador do Espiritismo não estava isolado intelectualmente, mas inserido em contexto histórico no qual teorias racistas circulavam como conhecimento científico legítimo, ensinadas em universidades, publicadas em revistas especializadas e mobilizadas por Estados e instituições. O artigo "Perfectibilidade da Raça Negra", publicado significativamente na seção "Frenologia Espiritualista e Espírita" da

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

Revista Espírita de 1862, dialoga explicitamente com esse campo científico racista, incorporando vocabulários, pressupostos e hierarquizações que analisaremos detalhadamente na próxima seção, demonstrando como Kardec não apenas refletiu passivamente ideologias de seu tempo, mas as reproduziu ativamente e articulou com doutrina espírita, conferindo-lhes fundamentação metafísica adicional.

3. Metodologia

Esta pesquisa adota abordagem histórico-discursiva, articulando métodos da História Cultural com procedimentos de Análise Crítica do Discurso para investigar racismo estrutural no texto "Perfectibilidade da Raça Negra", publicado por Allan Kardec na Revista Espírita de abril de 1862. Fundamentamo-nos na tradição da Escola dos Annales (BURKE, 2010), que privilegia contextualização das mentalidades e análise de estruturas de longa duração, e na Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough (2001), Teun van Dijk (2008) e Eni Puccinelli Orlandi (2015), que investigam como discursos constroem, reproduzem ou transformam relações de poder e dominação. Mobilizamos também conceito de racismo estrutural de Silvio Almeida (2019), que permite compreender como racismo transcende atos individuais de preconceito, permeando instituições, discursos científicos e estruturas sociais.

O corpus principal consiste no artigo "Perfectibilidade da raça negra", publicado por Allan Kardec na Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos, ano V, número 4, abril de 1862, páginas 141-145 (KARDEC, 1862). Utilizamos tradução brasileira disponibilizada pela Federação Espírita Brasileira pois se trata da versão oficialmente adotada pela principal instituição espírita brasileira, as estruturas discursivas e campos semânticos racistas permanecem preservados na tradução, e torna resultados mais dialogáveis com movimento espírita lusófono. Reconhecemos que nuances linguísticas do original francês podem ter sido atenuadas, limitação que pesquisas futuras poderão abordar comparativamente.

A análise desenvolveu-se em cinco etapas integradas: leitura exploratória e fichamento sistemático do texto; identificação de campos semânticos recorrentes

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

(inferioridade/superioridade, infantilização, determinismo biológico, temporalidade evolutiva); análise de pressupostos implícitos que naturalizam hierarquias raciais (VAN DIJK, 2008); contextualização histórica no panorama do racismo científico oitocentista (SCHWARCZ, 1993; STEPAN, 1991; GOULD, 1999); e problematização de argumentos apologéticos que relativizam racismo de Kardec. Complementarmente, mobilizamos conceitos de formação discursiva, interdiscurso e silenciamento de Eni Puccinelli Orlandi (2015), que permitem compreender como texto de Kardec se inscreve em formações discursivas do racismo científico oitocentista e quais sentidos são estrategicamente silenciados para naturalizar hierarquizações.

Enquanto limitações, a análise concentra-se em artigo específico, não na totalidade dos escritos de Kardec sobre raça; utiliza tradução, não original francês; não investiga recepção do texto pelo movimento espírita brasileiro; e não analisa evolução dessas ideias nos séculos XX e XXI. Salientamos que crítica dirige-se especificamente a textos e estruturas discursivas historicamente situadas, não a indivíduos contemporâneos que professam Espiritismo, visando contribuir para desenvolvimento de práticas antirracistas no movimento espírita atual através de reconhecimento honesto de contradições históricas entre princípios declarados de igualdade e hierarquizações raciais praticadas em textos fundacionais.

4. Resultados e Discussão

O artigo "Perfectibilidade da Raça Negra", publicado por Allan Kardec na Revista Espírita de abril de 1862, insere-se na seção "Frenologia Espiritualista e Espírita" e apresenta explicitamente hierarquização racial fundamentada em determinismo biológico articulado com teoria espírita da reencarnação. Analisaremos o documento a partir de Norman Fairclough em "Discurso e Mudança Social" (2001), Teun van Dijk em "Discurso e Poder" (2008) e Eni Puccinelli Orlandi em "Análise de Discurso" (2015), examinando como o texto constrói linguisticamente hierarquizações raciais, reproduz estruturas ideológicas do racismo científico

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

oitocentista e opera através de silenciamentos estratégicos que naturalizam dominação como fato biológico e espiritual objetivo.

A análise do vocabulário, conforme Norman Fairclough (2001), revela que escolhas lexicais não são neutras, mas constroem ativamente posicionamentos ideológicos. O texto de Kardec mobiliza sistematicamente três campos semânticos que hierarquizam raças: inferioridade ("raça inferior", "raças atrasadas", "povos primitivos", "Espíritos selvagens"), estabelecendo escala vertical de valor; infantilização ("Os Espíritos selvagens são ainda crianças" e "São verdadeiras crianças às quais muito pouco se pode ensinar"), negando maturidade, racionalidade e autonomia, implicando necessidade de tutela paternalista; e animalização, quando Kardec apresenta a alternativa de "fazer do negro uma espécie de animal doméstico dedicado à cultura do açúcar e do algodão" e questiona "Serão de mesma natureza que nós?" (KARDEC, 1862, p. 141), situando negros fora da humanidade plena.

A modalização revela estratégias de naturalização. Kardec utiliza modalizadores de alta certeza para apresentar hierarquias como fatos inquestionáveis: "Como Espíritos, são inquestionavelmente uma raça inferior" e um espírito superior "jamais seria, numa pele negra, membro do Instituto" (KARDEC, 1862, p. 144-145). Significativamente, contrasta com modalização de incerteza em momentos especulativos: "Pensamos que cada fibra corresponda a uma nuança da faculdade" (KARDEC, 1862, p. 144), revelando estratégia retórica que modaliza com incerteza hipóteses sem evidências empíricas, mas com certeza absoluta hierarquias raciais sem fundamentação científica legítima. A transitividade distribui agência ideologicamente: raças superiores aparecem como agentes ativos ("as raças civilizadas se desenvolvem"), enquanto raças inferiores como pacientes de processos intransitivos que apagam violências históricas ("as selvagens diminuem, até o desaparecimento completo"), ocultando genocídios coloniais através de estrutura linguística que nega agentes históricos responsáveis.

A estrutura argumentativa opera retoricamente legitimando hierarquizações antes de enunciá-las. Kardec dedica páginas iniciais à frenologia como ciência

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

estabelecida, construindo autoridade científica transferida posteriormente para afirmações sobre raças. Conectivos causais e conclusivos apresentam correlações ideológicas como relações lógicas necessárias: "Ora, sendo os corpos constituídos insuficientes, por seu estado primitivo, necessitam encarnar-se em melhores condições" (KARDEC, 1862, p. 145), introduzindo premissas ideológicas como evidentes.

Quanto à prática discursiva, conforme Fairclough (2001), Allan Kardec ocupa posição de autoridade absoluta no Espiritismo nascente, controlando produção e circulação de discursos sem instâncias de revisão crítica. Contextualmente, escreve em momento de hegemonia do racismo científico nas instituições acadêmicas europeias, inserido em redes de legitimação mútua entre ciência, colonialismo e projetos civilizatórios. O texto apresenta-se estrategicamente como artigo científico, mobilizando terminologia técnica e pretensão de objetividade, mas insere-se na seção "Frenologia Espiritualista e Espírita", explicitando hibridização entre discurso científico e doutrinário religioso que confere legitimidade dupla às hierarquizações.

Cabe destacar que a circulação através da Federação Espírita Brasileira ocorre sem notas críticas ou contextualizações históricas, contribuindo para naturalização dessas ideias como parte legítima do corpus doutrinário espírita. A interdiscursividade revela articulação explícita com discursos frenológicos ("a frenologia apoia-se no princípio que o cérebro é o órgão do pensamento"), antropologia física ("conformação cerebral", "órgãos rudimentares", "fibras nervosas"), evolucionismo social (selvagens como "ainda crianças") e colonialismo civilizatório (necessidade de "tutela").

Na dimensão da prática social, o texto opera ideologicamente naturalizando três hierarquias interconectadas: racial biológica ("a raça negra, enquanto raça negra, corporalmente falando, jamais atingirá os níveis das raças caucásicas"), espiritual ("Como Espíritos, são inquestionavelmente uma raça inferior") e correlação entre ambas ("a Natureza apropriou os corpos ao grau de adiantamento dos Espíritos") (KARDEC, 1862, p. 144-145). Essas naturalizações operam através de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

universalização que apresenta interesses da supremacia branca europeia como leis naturais universais. Quanto à hegemonia, o texto confere legitimidade religiosa-espiritual ao racismo científico, articulando frenologia e antropologia física com doutrina espírita da reencarnação; apresenta dominação colonial como necessária e benevolente ao afirmar que raças inferiores "necessitam de tutela"; e bloqueia alternativas modalizando com certeza absoluta ("inquestionavelmente", "jamais"), fechando possibilidades de contestação.

Aplicando nossa análise a partir da perspectiva de Teun van Dijk em "Discurso e Poder" (2008), consideramos o texto com aspecto paradigmático do racismo de elite oitocentista: Kardec ocupa posição institucional de autoridade máxima no Espiritismo, mobiliza linguagem científica que confere verniz de objetividade a hierarquizações ideológicas, e dissimula violência através de teoria científica sobre diferenças biológicas naturais, forma sofisticada e socialmente aceitável de legitimação da dominação. Van Dijk propõe o "Quadrado Ideológico" com quatro movimentos: enfatizar aspectos positivos do grupo dominante ("Arago, com todo o seu gênio", "as raças civilizadas se desenvolvem"); enfatizar aspectos negativos do grupo dominado ("verdadeiras crianças às quais muito pouco se pode ensinar", "senso moral nulo", "hotentotes comerem lagartas e insetos repugnantes"); minimizar aspectos negativos dos europeus (silencia absolutamente sobre violências coloniais, escravidão, genocídios, apresentando "desaparecimento" de povos como processo natural evolutivo); e minimizar aspectos positivos dos africanos (não menciona civilizações africanas complexas, conhecimentos, arquitetura, sistemas políticos ou produção cultural).

Por sua vez, a análise de pressupostos implícitos revela que o texto assume como evidente, sem justificação: que raças existem biologicamente como entidades objetivas discretas; que raças são hierarquizáveis em escala de inferioridade-superioridade; que características físicas determinam capacidades morais e intelectuais; e que condição de selvageria de africanos é inerente, não resultado de processos históricos.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

Neste prisma, Van Dijk identifica negação aparente, e no texto de Kardec encontramos variante sofisticada: afirma perfectibilidade eventual das raças (concessão aparente), mas imediatamente estabelece limitações categóricas através da estrutura concessão seguida de reafirmação: "As raças são perfectíveis, MAS a raça negra, enquanto raça negra, corporalmente falando, jamais atingirá os níveis das raças caucásicas" (KARDEC, 1862, p. 145), permitindo apresentar-se como progressista enquanto naturaliza supremacia branca como fato biológico permanente.

A inversão de responsabilidade manifesta-se quando Kardec explica inferioridade de africanos por fatores inerentes (Espíritos atrasados, órgãos rudimentares, senso moral nulo), silenciando séculos de escravidão transatlântica, violência colonial, destruição de sociedades e exclusão educacional, transformando consequências de violências históricas perpetradas por europeus em causas biológicas e espirituais inerentes às vítimas.

Para além desta ótica, integrando Eni Puccinelli Orlandi em "Análise de Discurso" (2007), o texto inscreve-se na Formação Discursiva do Racismo Científico Oitocentista, que determinava rigorosamente o que poderia ser legitimamente enunciado sobre raças. Nessa formação discursiva, pode e deve ser dito que raças existem biologicamente, são hierarquizáveis cientificamente, diferenças físicas determinam capacidades mentais e morais, ciência fundamenta hierarquias, e progresso civilizatório europeu justifica dominação colonial benevolente. Inversamente, não pode ser dito que raças são construções sociais, hierarquias raciais são ideologias a serviço de dominação, africanos possuem civilizações complexas, ou violência colonial e escravista são crimes injustificáveis. Orlandi distingue entre paráfrase (repetição de sentidos estabelecidos) e polissemia (produção de sentidos novos). O texto de Kardec opera predominantemente por paráfrase: repete e estabiliza sentidos hegemônicos do racismo científico sem contestá-los. A única articulação relativamente original – vincular discursos científicos com doutrina espírita da reencarnação – não produz ruptura, mas reforça hierarquizações com fundamentação metafísica adicional.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

O silenciamento, conceito central em Orlandi (2007), revela-se fundamental para compreender como o texto naturaliza hierarquias. Orlandi distingue entre silêncio fundador e política do silêncio (apagamento estratégico de sentidos indesejados). O texto opera política do silêncio sistematicamente e efeito ideológico desses disso é naturalizar a condição atribuída a africanos como inerente, biológica e espiritual, não como resultado de processos históricos de destruição sistemática, exclusão e violência colonial.

Destarte, é fundamental reconhecer que o racismo científico não era consensual no século XIX. Na França, a Société des Amis des Noirs, fundada em 1788, reunia figuras como Condorcet, Lavoisier, Brissot e Abade Grégoire, que denunciavam escravidão como crime contra humanidade e refutavam teorias de inferioridade racial. Na Inglaterra, campanhas de Wilberforce resultaram na abolição do tráfico de escravos (1807) e da escravidão (1833). Frossard escreveu em 1789 extenso livro argumentando que escravidão e comércio de escravos eram ilegítimos. Condorcet exortava a França a seguir o exemplo dos Estados Unidos, que estabelecera data final para o tráfico. Kardec escrevia, portanto, em contexto de intenso debate onde perspectivas antirracistas disputavam hegemonia intelectual, e sua opção por reproduzir teorias racistas constitui escolha deliberada quando alternativas éticas estavam disponíveis.

Kardec articula determinismo biológico com doutrina espírita da reencarnação, propondo evolucionismo racial específico: "a Natureza apropriou os corpos ao grau de adiantamento dos Espíritos que neles devem encarnar-se" (KARDEC, 1862, p. 144), estabelecendo correlação naturalizada entre inferioridade espiritual e inferioridade racial biológica onde espíritos menos evoluídos encarnariam em corpos de raças inferiores. Argumenta que "As raças são perfectíveis pelo Espírito que se desenvolve através de suas várias migrações, em cada uma das quais adquire, pouco a pouco, as faculdades que lhe faltam. Mas, à medida que suas faculdades se ampliam, necessita de um instrumento adequado" (KARDEC, 1862, p. 145), propondo que progresso espiritual demanda progressão através de hierarquia racial:

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

espíritos progrediriam encarnando sucessivamente em raças cada vez mais elevadas, dos negros africanos aos caucasianos europeus.

Estabelece temporalidade evolutiva indefinida: "À medida que as raças civilizadas se desenvolvem, as selvagens diminuem, até o desaparecimento completo, como desapareceram as raças dos caraíbas, dos guanches" (KARDEC, 1862, p. 145), naturalizando genocídio de povos indígenas como processo evolutivo natural, silenciando violências coloniais como estratégia ideológica que oculta agências históricas de dominação.

Afirma explicitamente limites do progresso racial: "No mesmo envoltório, as raças só em estreitos limites são perfectíveis" e conclui categoricamente: "Por isso a raça negra, enquanto raça negra, corporalmente falando, jamais atingirá os níveis das raças caucásicas" (KARDEC, 1862, p. 145), estabelecendo hierarquia racial permanente e insuperável, naturalizando supremacia branca como fato biológico objetivo.

A contradição entre igualdade espiritual declarada e hierarquização racial praticada evidencia como ideologias racistas permeavam mesmo discursos que se apresentavam como progressistas e humanitários no século XIX, conforme analisa Thomas E. Skidmore em "Preto no Branco" (2012).

5. Conclusão

Esta pesquisa analisou a presença de racismo estrutural no texto "Perfectibilidade da Raça Negra", publicado por Allan Kardec na Revista Espírita de abril de 1862, através de abordagem histórico-discursiva que articulou Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough (2001), Teun van Dijk (2008) e Eni Puccinelli Orlandi (2015) com conceito de racismo estrutural de Silvio Almeida (2019). A questão central indagava em que medida os escritos de Kardec sobre raça refletiam e reproduziam racismo estrutural característico do pensamento científico oitocentista, e como teorias pseudocientíficas sobre raças influenciaram a formulação kardequiana sobre perfectibilidade racial.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

A análise demonstrou convergentemente que o texto reproduz ativamente ideologias racistas de seu tempo, legitima-as institucionalmente e as articula com doutrina espírita da reencarnação. A análise linguística identificou construção discursiva de hierarquização racial através de três campos semânticos sistemáticos (inferioridade, infantilização e animalização), modalização de certeza absoluta que naturaliza hierarquias como fatos inquestionáveis, e estruturas transitivas que apagam agências históricas de violência colonial.

O núcleo argumentativo fundamenta-se em determinismo biológico que equipara corpos africanos a "instrumentos imperfeitos", reproduzindo pressupostos da frenologia e antropologia física oitocentista documentados por Lilia Moritz Schwarcz (1993) e Stephen Jay Gould (1999). A articulação desse determinismo com doutrina espírita da reencarnação, propondo evolucionismo racial onde espíritos menos evoluídos encarnariam em raças inferiores, confere legitimidade religiosa-espiritual adicional ao racismo científico, exemplificando como racismo estrutural, conforme teorizado por Silvio Almeida (2019), permeia múltiplas instituições sociais de forma integrada.

Aplicando conceito de racismo estrutural de Silvio Almeida, os resultados evidenciam que o texto não constitui anomalia ou expressão de convicções idiossincráticas individuais, mas manifesta estruturas discursivas características de sociedade francesa do século XIX organizada sobre hierarquizações raciais que permeavam instituições científicas, educacionais, coloniais e religiosas. Como argumenta Silvio Almeida (2019), racismo estrutural manifesta-se quando instituições reproduzem tratamento diferenciado de grupos racializados como funcionamento normal e esperado, não como desvio excepcional.

O texto de Kardec, ocupando posição de autoridade como fundador do Espiritismo e editor da Revista Espírita, reproduz formações discursivas hegemônicas do racismo científico não como desvio individual, mas como expressão do funcionamento ordinário de instituições de seu contexto histórico. A análise identificou operação característica do racismo de elite através de legitimação

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

acadêmica, quadrado ideológico, inversão de responsabilidade e silenciamentos estratégicos que ocultam violências coloniais, civilizações africanas complexas e movimentos abolicionistas contemporâneos.

Esta pesquisa apresenta contribuições originais: preenche lacuna na historiografia acadêmica brasileira oferecendo análise histórico-discursiva sistemática de texto específico que permanecia pouco explorado; articula conceito de racismo estrutural com metodologias de análise de discurso demonstrando potencialidades de abordagem multidimensional; problematiza relações entre religião, ciência e racismo mostrando como discursos que se apresentavam como progressistas reproduziam estruturas racistas como funcionamento institucional normal; e fornece subsídios empíricos para compreensão histórica de como racismo científico permeou diversas instituições e discursos oitocentistas, incluindo sistemas religiosos emergentes. Reconhecemos limitações: análise concentra-se em texto único, não investigamos recepção pelo movimento espírita brasileiro e focamos no século XIX. Estudos futuros poderão ampliar corpus documental, examinar histórias de recepção e ressignificação de textos fundacionais em contextos históricos posteriores, e investigar comparativamente como diferentes movimentos religiosos oitocentistas articularam-se com racismo científico.

Os achados corroboram perspectiva teórica de Silvio Almeida (2019) segundo a qual racismo estrutural opera através de instituições, discursos e práticas que naturalizam hierarquizações raciais como conhecimento legítimo. A análise histórico-discursiva demonstra que o texto de Allan Kardec integra formações discursivas do racismo científico oitocentista, reproduzindo vocabulários, pressupostos e hierarquizações através de estratégias discursivas sofisticadas que conferiam aparência de objetividade científica e fundamentação metafísica a construções ideológicas.

Reconhecer essa dimensão estrutural não constitui anacronismo, pois, como demonstrado, existiam formações discursivas alternativas (abolicionismo, pensamento antirracista, ética kantiana) contemporâneas ao autor, evidenciando que

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

racismo científico, apesar de hegemônico, era objeto de disputa intelectual e política. Este trabalho contribui para compreensão histórica de como racismo estrutural operou no século XIX através de múltiplas instituições que convergiam na produção de conhecimento racista apresentado como verdade científica e religiosa legítima.

As implicações desses achados históricos para debates contemporâneos sobre religião, história intelectual e combate ao racismo estrutural constituem campo de investigação que extrapola o escopo analítico deste estudo, mas que poderá ser explorado em pesquisas futuras sobre recepção, ressignificação e contestação de textos fundacionais em contextos históricos e sociais distintos.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **La Table, le Livre et les Esprits: naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil.** Paris: Jean-Claude Lattès, 1990.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia.** Tradução de Nilo Odalia. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem.** Tradução de Valter Lellis Siqueira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião. **Dossiê: Allan Kardec: vida, ideias, obras e influências.** v. 22, n. 67, 2024. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/32350. Acesso em: 9 jan. 2026.

KARDEC, Allan. **Perfectibilidade da raça negra.** Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos, ano V, n. 4, p. 141-145, abr. 1862. Disponível em: https://www.febnet.org.br/. Acesso em: 9 jan. 2026.

_____. **O livro dos espíritos: princípios da doutrina espírita**. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. Brasília: FEB, 2013.

MENDONÇA JUNIOR, Adolfo de. **Allan Kardec, a ciência e o racismo.** Jornal de Estudos Espíritas, v. 3, out. 2015. DOI: 10.22568/jee.v3.artn.010207. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311246773. Acesso em: 9 jan. 2026.

MENEZES, Edmilson. **Kant e a ideia de educação das Luzes.** Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 25, n. 50, p. 717-734, jul./dez. 2011. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/13347. Acesso em: 9 jan. 2026.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

MASTROLEO, Ricardo C. AKSEC - Allan Kardec Spiritist Educational Center. **Allan Kardec's Views on Race Revisited.** [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: http://www.aksec.org/Articles/Allan_Kardec%27s_Views_on_Race_Revisited.pdf. Acesso em: 9 jan. 2026.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 08/01/2026 - **Accepted:** 20/01/2026
Vol: 01.02
DOI: 10.61164/557kns97
Pages: 1-24

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

STEPAN, Nancy Leys. **The hour of eugenics: race, gender, and nation in Latin America.** Ithaca: Cornell University Press, 1991.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira.** São Paulo: Edusp; Curitiba: Orion, 2003.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder.** Tradução de Judith Hoffnagel et al. São Paulo: Contexto, 2008.

VOLPI, Heloísa et al. **A Evolução do Espírito: O "Evolucionismo" de Allan Kardec.** SciELO Preprints, 2024. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.8049. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/8049. Acesso em: 9 jan. 2026.